

Bem, não era naturalmente de esperar que Paul Valéry fosse contra suas próprias convicções, ou, sequer, que as ocultasse, polidamente, com evasivas, apenas porque lhe acontecera suceder a um escritor que desaprovava. Ademais, é possível concordar, em parte, com suas críticas a Anatole. Não é sem razão que Anatole France veio a representar, para muitos literatos franceses, tudo quanto existe de elegantemente secundário na literatura da geração precedente. Foi ele o último grande escritor de uma tradição; por conseguinte, na sua obra avultou particularmente a debilidade peculiar dessa tradição. É verdade que, antes de morrer, ele vivera o bastante para escrever certos livros que, pela untuosidade e amenidade ocas, pela elegância mecânica da forma, tendem a nos desencorajar no respeitante à ironia e piedade renanianas e à simetria e limpidez clássicas. Já era tempo de essas fórmulas serem rejeitadas: nada mais havia a fazer dentro de tais linhas. E Valéry foi um dos que as aboliu. E, não obstante, com toda a fé que se tenha nos métodos do Simbolismo, com todo o entusiasmo que se nutra pelas suas realizações, quando lemos esse ensaio indulgente e felino, não há como não rebelarmo-nos contra o que parece ser o pressuposto de Valéry, de que é impossível ser-se, ao mesmo tempo, profundo, e escrever tão amena e lucidamente quanto Anatole. O próprio Valéry parece haver deliberadamente evitado, nessa ocasião, escrever de modo claro ou atraente: embora seu tema nada tenha de metafísico, embora nada haja de dificultoso no que diz, esse discurso é talvez a sua obra-prima de mau estilo. Nunca a prosa viscosa de Valéry, suas moles de abstrações engrumadas, suas extremadas apresentações de idéias, foram manipuladas com pior resultado. Dizer que o autor de *Le Jardin d'Epicure* teria dado uma volta no túmulo se houvesse podido ouvir a oração de Valéry, seria atenuar a situação: os mais acirrados inimigos clericais de Anatole não poderiam ter-lhe desejado punição mais horrível do que ser obrigado a escutá-la no Inferno.

De qualquer modo, o ingresso de Valéry na Academia, com sugerir um contraste entre ele e Anatole, assinala, ainda mais agudamente que a divergência entre Yeats e Bernard Shaw, a diferença entre os novos métodos e atitudes da literatura típica do período de pós-guerra e os da literatura do período a que a Guerra deu fim. Anatole France era um escritor popular: procurava ser persuasivo e inteligível; costumava lembrar francamente ao seu secretário, Brousson, que estavam "trabalhando para uma clientela burguesa. É a única que lê. Não arranque

o véu ao tempo. Dê-lhe um puxão de quando em quando. Crive-o de pequenos e manhosos orifícios... Consinta ao seu leitor a fácil vitória de ver mais do que você." Os livros de Anatole eram vendidos em todas as bancas de livros da França e todo o mundo civilizado os conhecia. Bem ao contrário, Paul Valéry despreza inteiramente o gosto e a inteligência do leitor comum: em vez de consentir-lhe uma fácil vitória, ufana-se de ultrapassá-lo completamente. E é lido principalmente por outros escritores, ou por pessoas que tenham especial interesse por Literatura; seus poemas estão sempre com edições esgotadas e seus outros escritos são sempre publicados em edições tão dispendiosas e limitadas que praticamente nem chegam a circular. Anatole France era copioso: supria seu público com variada literatura, que incluía romance, História, crítica, sátira, drama, poesia, filosofia, panfletos políticos, artigos de jornal e discursos. Paul Valéry publica pouco: todo o seu gênio se concentrou na produção de uns poucos e magníficos poemas; além deles, quase mais nada escreveu, a não ser alguns volumes de notas heterogêneas. Anatole France era essencialmente um racionalista: não negava as incongruências ou incoerências da experiência, mas tentava escrever sobre elas, pelo menos, num estilo simples, lógico e harmonioso. Paul Valéry, ao contrário, dispôs-se à tarefa de reproduzir, na sua própria linguagem, todas as complexidades e confusões de nossas sensações e idéias em interação. Os fenômenos de que Anatole habitualmente trata são os acontecimentos da vida, conforme esta é vivida no mundo; em Valéry, o objeto de interesse é a mente humana isolada ou ideal, a ruminar suas próprias contradições ou a admirar seus arroubos. Quando Anatole se afasta da Literatura, ocupa-se naturalmente de política: fala em comícios em favor de Dreyfus, alia-se ao Partido Socialista, escreve artigos para seu jornal, usa da palavra em reuniões de operários, e finalmente declara-se comunista. Valéry, porém, preocupa-se muito pouco com política e, assim mesmo, como uma inteligência desinteressada: suas atividades extra-literárias são científicas. E enquanto, para Anatole, a Ciência significava apenas o mecanismo convencional do século XIX, do qual se imbuíu profundamente, a ponto de ser perseguido a vida toda por pesadelos da vertigem do espaço, da extinção do Sol, do caráter fatalmente automático dos amores e ambições humanos, da reversão da Humanidade à barbárie, através de reversão do processo evolutivo — Paul Valéry surgia numa era em que o ponto de vista científico não mais implica tal determinismo. (A atitude de Anatole em relação à ciência moderna era semelhante à sua atitude para com o Simbolismo: quando já na velhice,